

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS

LAURA LEAL MARTINEZ

A IMPORTÂNCIA DAS ARTES VISUAIS PARA O DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Brasília
2020

LAURA LEAL MARTINEZ

A IMPORTÂNCIA DAS ARTES VISUAIS PARA O DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso,
Habilitação em licenciatura, do
Departamento de Artes Visuais do Instituto
de Artes da Universidade de Brasília.

Orientador: Prof. Dr. Nelson Fernando
Inocêncio da Silva

Brasília
2020

LAURA LEAL MARTINEZ

A IMPORTÂNCIA DAS ARTES VISUAIS PARA O DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso,
Habilitação em licenciatura, do
Departamento de Artes Visuais do Instituto
de Artes da Universidade de Brasília

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Nelson Fernando Inocêncio da Silva – Orientador
Instituto de Artes da Universidade de Brasília

Prof. Dr. Luiz Carlos Pinheiro Ferreira
Instituto de Artes da Universidade de Brasília

Prof. Dr. Christus Menezes da Nóbrega
Instituto de Artes da Universidade de Brasília

Brasília, _____ de _____ de 2020.

RESUMO

Por meio de estudos sobre desenho infantil, busco compreender como o ensino do desenho pode interferir de forma benéfica no desenvolvimento da criança. Procuo também entender como o incentivo ao grafismo pode favorecer na compreensão da produção artística infantil. Para tanto busco auxílio em determinadas abordagens acerca do desenho infantil, estabelecendo um diálogo com autores tais como Viktor Lowenfeld (1977), Edith Derdyk (2015), Rosa Iavelberg (2017), Sueli Ferreira (2011), entre outros, os quais, ao meu ver, proporcionam um melhor entendimento em torno do assunto. Me dedico ainda à algumas reflexões sobre os modos como a criança explora seu crescimento por intermédio dos próprios desenhos.

Palavras-chaves: desenvolvimento infantil, desenho infantil, ensinos do desenho

MEMORIAL

Nasci no dia 15 de abril do ano de 1995 na cidade de Araçatuba no estado de São Paulo. Trigêmea de dois meninos com uma irmã mais velha. Cresci em uma família que sempre se importou muito com o bem-estar de todos, sempre unida e que preza pela conversa entre todos da família. Durante os primeiros anos da minha infância vivi em várias cidades do interior de São Paulo devido ao trabalho do meu pai que exercia o ofício de bancário. Mesmo que eu tenha morado em diversas cidades isso não me impediu de aproveitar as experiências vividas em cada uma dessas cidades. Devo dizer que parte dessas boas memórias aconteceram por causa da companhia que tinha dos meus irmãos.

Quando completei 5 anos minha família recebeu a notícia de que iríamos morar em Brasília. De início foi um choque de realidade muito grande para nós, pois a rotina de morar em uma cidade grande é bem mais intensa do que estávamos acostumados. Nunca imaginei que eu moraria aqui até hoje e que Brasília iria se torna parte da minha identidade, embora nunca esquecendo de onde eu vim.

Ter vindo para Brasília representou um grande avanço para mim e para toda minha família. A cidade permitiu que meus pais se abrissem mais para novas ideias, isso fez com que procurassem incentivar a mim e a meus irmãos a fazer o que gostávamos. Foi a partir desse momento que eu comecei a me interessar pelo desenho e que ganhei meus primeiros lápis de cor e canetinhas hidrocor.

Conforme fui crescendo comecei a demonstrar cada vez mais interesse pelo desenho, gostava de desenhar em qualquer pedaço de papel, parede ou chão, o suporte poderia ser qualquer um. Não me importava se era um lápis, caneta ou algum outro tipo de material expressivo que me permitisse desenhar. Rabiscava tudo o que me vinha à minha mente. Eu desenhava como seria o meu futuro, meus sonhos e ideias, as mais absurdas possíveis. Nem mesmo a escola me limitava em produzir meus desenhos, gostava de desenhar durante as aulas e até mesmo na minha carteira.

Durante o Ensino Médio o meu hábito de desenhar continuava, mas eu não sabia ao certo se eu queria permanecer com esta prática. Foi um período de muitas indecisões, algo peculiar à adolescência. Eu estava em dúvida se eu realmente queria fazer o curso de Arte Visuais devido ao fato de eu desenhar e sempre ter me interessado pelo assunto. Porém ao mesmo tempo em que eu gostava de artes

também me interessava por outros cursos, como letras e biologia. No decorrer do meu Ensino Médio fui deixando o interesse pelo os outros cursos de lado, e passando a me identificar ainda mais com o curso de artes visuais. Conforme eu dialogava com meus professores de artes sobre a minha escolha, eles foram me incentivando a passar mais tempo me dedicando às minhas produções artísticas. Posso dizer que este foi um dos motivos para que a minha identificação com o curso de artes visuais se concretizasse ainda mais.

Lembro de quando eu estava no Ensino Médio e tive que fazer uma atividade que consistia na realização de uma entrevista com meus pais em relação a formação deles. Foi nessa atividade que eu descobri que a minha mãe se formara em educação artística, embora nunca houvesse trabalhado na área. Naquela época eu não dei muita atenção para isso, mas vejo que o fato de Dona Alessandra ter uma formação em educação artística foi de extrema importância para o meu desenvolvimento, pois de todas as pessoas que me incentivavam ela foi a que mais insistiu e valorizou os meus desenhos. Obviamente que isso não se deu por acaso.

De início quando eu entrei no curso de artes visuais eu havia escolhido fazer bacharelado como principal habilitação, pois alimentava uma resistência em relação à docência. Com o decorrer do tempo fui percebendo que eu me identificava muito mais com a licenciatura do que com o bacharelado. Esse processo de identificação começou quando eu assumi as minhas primeiras monitorias de desenho no curso e também quando eu frequentei algumas disciplinas da área Educação, em particular algumas mais específicas da Pedagogia. Outro fator que contribuiu refere-se ao fato de ter levado em consideração todas as minhas experiências enquanto colegial nas quais colaborava com meus colegas na realização de certas atividades na aula de artes.

Durante esse período de identificação e aceitação, eu procurei discutir com amigos e familiares que são professores, sobre a minha decisão de migrar do bacharelado e para a licenciatura. Perguntei para eles o motivo de terem escolhido a profissão de educador. Nessas conversas fui percebendo que os meus motivos eram muito parecidos com os deles, qual seja, compartilhar com os meus futuros alunos as boas experiências que tive no meu período de escola. Ocasão em que meus professores me incentivavam a fazer aquilo com o que me identificava.

Como eu já comentei anteriormente, desde de pequena sempre me interessei pelo desenho e que meus pais e professores sempre me incentivaram em relação a

minha produção artística e sobre a minha escolha em fazer o curso de artes visuais. Logo, foi nesse momento que eu decidi aprofundar meus estudos em relação ao desenho na formação das crianças. Foi por causa do desenho, como um dos recursos da linguagem visual, que eu consegui me entender melhor e este processo contribuiu de modo fundamental para o desenvolvimento da minha própria identidade.

Vejo que, ao produzir um trabalho sobre a importância do grafismo para a formação infantil, discutindo o incentivo da prática do desenho, o quão significativa tal experiência se constitui para o desenvolvimento da criança. Trata-se de uma maneira de entender como funciona a produção artística da criança e de como acontece o desenvolvimento dela para além das abordagens constantes, estritamente voltadas ao campo da Psicologia da Educação.

LISTA DE IMAGENS

Figura 1 Desenho com giz de cera sobre forma redonda, colagem de quadrados sobrepostos.....	14
Figura 2 Rabisco feitos sobre folha branca	16
Figura 3 Retrato da família	18
Figura 4 Sobreposição dos planos	22
Figura 5 Representação de um personagem de desenho animado.....	27
Figura 6 Desenho com canetinha “o dente sendo arrancado”	29
Figura 7 Desenho de formas geométricas.....	31
Figura 8 Evolução do desenho infantil	35

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1 – DESENHO E O DESENVOLVIMENTO INFANTIL	12
1.1. A cultura e a linguagem.....	12
1.2. Desenvolvimento físico e motor	13
1.3. Noções críticas e de julgamento	17
1.4. Construindo afeto	17
1.5. A importância da escola	18
CAPÍTULO 2 – A FUNÇÃO DO PROFESSOR	21
2.1. Relação professor e aluno.....	21
2.2. Incentivando o aluno	22
2.3. Professor psicólogo.....	23
2.4. Desenvolvimento do senso crítico.....	24
CAPÍTULO 3 – O DESENHO INFANTIL NA VISÃO DA CRIANÇA	25
3.1. Primeiros rabiscos	25
3.2. Aprimoramento do desenho	26
3.3. O uso de elementos externos.....	26
3.4. Dialogo	27
3.5. Currículo escolar	29
3.6. O uso da cópia	30
3.7. Elementos estéticos dos adultos	32
CAPÍTULO 4 – A CRIANÇA E O SEU DESENHO	33
4.1. Diário da criança	33
4.2. Primeiras representações de uma pessoa	34
4.3. Comunicando com o mundo.....	36
4.4. O ato de desenhar.....	36
4.5. A criança e o espaço	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA	41

INTRODUÇÃO

A relação entre o ensino do desenho e o desenvolvimento foi um assunto que sempre me despertou interesse, principalmente no que diz respeito à produção artística infantil. Mesmo que a licenciatura em artes visuais não me permita atuar nesta área, considerando o fato que a atividade docente de arte-educadores graduados restrinja-se, no âmbito da educação básica, ao ensino fundamental II e ensino médio, penso que o tema, apesar da limitação, possua relevância e interesse para nós. Portanto, vale a pena ser trabalhado.

Passei a aprofundar minhas pesquisas sobre o assunto procurando entender como o ensino do desenho afeta o cotidiano da criança e como ele pode ser abordado em sala de aula. O propósito da investigação também visava problematizar determinadas abordagens com foco em docentes cujos objetivos estavam previamente definidos. Práticas que, aliás, reforçam a desgastada crença da absoluta ausência de repertórios de imagens no que se refere ao imaginário infantil. Esses problemas crônicos de ordem pedagógica acabam por inviabilizar relações de diálogo entre o educador e o educando. Obviamente, a produção do desenho infantil sofre o impacto desse legado.

O desenho sempre esteve presente na nossa sociedade “desde a pré-história, os seres humanos produzem formas visuais, utilizando símbolos particulares constituídos socialmente para exprimir mundos subjetivos e objetivos” (CUNHA, 2017, p. 13). Empregado como um meio de comunicação, ao longo de milhares de anos, desde os mais remotos períodos que atestam a existência da humanidade, o desenho, com o decorrer do tempo e do desenvolvimento de diferentes experiências culturais, foi sofrendo ressignificações e adquirindo novas funcionalidades.

Nesse trabalho discutiremos como o ambiente escolar enxerga a disciplina de artes, principalmente o ensino do desenho, enquanto uma atividade recreativa ou ainda uma mera atividade para melhorar a motricidade infantil. Também serão abordadas as maneiras como a aula de artes acaba não recebendo a atenção devida e necessária, em comparação com outras disciplinas a exemplo de português, matemática, ciências e etc.

Baseado nos estudos de autores já mencionados, compreendemos a importância de se incentivar as crianças a desenharem. Entendemos como o processo de criação infantil pode dizer muito a respeito do próprio criador. Contudo, esta forma

de olhar para universo pueril exige posicionamento crítico em relação às abordagens históricas que em vez de estimularem a atividade criadora condicionaram a produção do desenho infantil aos interesses pré-determinados pelos educadores.

No primeiro capítulo dessa pesquisa iremos discorrer como o ensino das artes visuais, especificamente do desenho colabora no processo de desenvolvimento infantil. O intuito é o de discutir como as atividades artísticas afetam cada etapa do crescimento da criança, com base nas principais pesquisas de autores como Piaget (1995), Vygotsky (1998), Lowenfeld (1977), Derdyk (2015), entre outros.

No segundo capítulo veremos a importância do professor de artes para o crescimento da criança e para o desenvolvimento do desenho que ela elabora. Veremos também como certos comportamentos adotados por expressivas parcelas da classe dos professores podem ajudar ou prejudicar de maneira radical a forma como a criança irá produzir seus desenhos, a partir daquelas experiências em diante.

No terceiro capítulo será abordado o processo pelo qual a criança desenvolve o seu desenho a partir da sua compreensão do próprio desenvolvimento físico e psíquico e de como aprende a lidar com suas experiências estéticas. Também será discutido as formas como intervenções externas, benéficas ou maléficas, podem afetar no entendimento da criança sobre o seu próprio desenho.

No quarto capítulo serão discutidos os efeitos do incentivo ao desenho. Em outras palavras, de que modo tal incentivo age sobre a criança, considerando a maneira como ela se compreende, a forma como ela procura se comunicar com o mundo por meio de seu desenho. Além dessas análises faz-se necessário esforço no sentido de observar o empenho da criança em expressar seus sentimentos e demonstrar os avanços do seu desenvolvimento.

Finalizando, serão apresentados no decorrer do texto imagens para exemplificar como o processo de desenvolvimento da criança pode ser observado no desenho infantil, retratando o progresso e o amadurecimento do educando por seu intermédio.

CAPÍTULO 1 – DESENHO E O DESENVOLVIMENTO INFANTIL

O ensino das artes visuais em específico o do desenho no ambiente escolar possui uma grande importância para o desenvolvimento infantil, ao ser integrado nos processos de desenvolvimento da aprendizagem e na construção da personalidade infantil. Neste capítulo abordaremos alguns modos como o ensino do desenho, no âmbito da educação formal, pode contribuir para a formação da criança, permitindo que ela, em circunstâncias específicas tenha uma melhor compreensão sobre si mesma.

1.1. A cultura e a linguagem

As práticas artísticas ensinadas nas escolas, além de ajudarem no desenvolvimento da aprendizagem, ajudam a compreender a forma como a criança poderá se comportar no ambiente escolar, trabalhando com diferentes métodos de socialização. As artes visuais também auxiliam da mesma maneira na formação do sujeito, uma vez que, conforme Sueli Ferreira (2011, p. 15), “as artes são produções culturais que precisam ser conhecidas e compreendidas pelos estudantes, já que é nas culturas que nos constituímos como sujeitos humanos”. Acerca ainda da atividade artística, discutindo a relevância da cultura na formação infantil Sonia Conceição D. Minucci afirma que:

A cultura é a base de toda a civilização, considerada como um conjunto de normas, padrões, tradições, religiões, crenças, costumes e valores que se transmite às novas gerações e que vai formando a identidade de cada povo, de cada grupo social, garantindo, também, uma forma particular de expressar e registrar seus feitos e sua história. (2012, p 13)

Quando inseridas no ambiente escolar, as atividades artísticas, como o desenho, a pintura, a escultura e a colagem, em conjunto com outras práticas culturais, contribuem no processo de desenvolvimento infantil. Tal experiência auxilia na elaboração de uma linguagem própria, o que acaba sendo de extrema importância em sala de aula. Essa relevância se dá principalmente nos casos de crianças que não dominam amplamente o uso da linguagem falada e/ ou da escrita como um meio para

se comunicar com os outros à sua volta. De acordo com Izabel Galvão (1995, p. 41), a cultura e a linguagem são de extrema importância para o seu desenvolvimento e fornecem instrumentos para a evolução da criança.

Viktor Lowenfeld e W. Lambert Brittan (1977, p. 40) também comentam a respeito do desenvolvimento da linguagem da criança por meio do desenho, dizendo que “[...] os desenhos são utilizados como o início da capacidade mental da criança, principalmente quando os meios verbais de comunicação não são adequados”. Em outras palavras, o desenho nas primeiras etapas do desenvolvimento infantil é a principal ferramenta de comunicação da criança, mesmo que seus rabiscos se demonstrem indecifráveis para o adulto.

Continuando a discussão sobre a importância do desenvolvimento da linguagem para a criança, Marta Kohl de Oliveira (1998, p. 34) comenta, baseando-se nos pensamentos de Lev Vygotsky, de que “a linguagem é o sistema simbólico básico de todos os grupos humanos” e que, ao entender o significado da linguagem, a criança também conseguirá se expressar com mais clareza. Esse fator lhe permitirá uma maior capacidade de processar e de simbolizar suas ideias e desejos, de um modo que sejam entendidos pelo adulto. Isso faz todo sentido, uma vez que para a simbolização ser compreendida, a criança necessitará que suas habilidades de abstração e de assimilação de ideias já tenham sido desenvolvidas parcialmente, juntamente com a capacidade de transformar suas ideias em outras completamente diferentes.

1.2. Desenvolvimento físico e motor

As atividades manuais voltadas ao ensino da arte principalmente nos anos iniciais da vida na escola, também colaboram com o desenvolvimento físico, utilizando-se de atividades que aprimoram as habilidades sensoriais e motoras da criança. Assim sendo “[...] seu desenvolvimento físico se manifesta em sua capacidade de coordenação visual e motora, na maneira como controla seu corpo” (LOWENFELD & BRITTAİN, 1977, p. 42). Nos primeiros anos de vida as crianças começam a compreender o que está à sua volta por intermédio dos seus sentidos. Logo, a criança irá conseguir aprender com mais facilidade a manejar

diversos materiais expressivos, tais como tinta, canetinhas, giz de cera etc., para poder produzir seu trabalho, e terá a possibilidade de aprender por meio dos cinco sentidos. Processo que denominamos de cognição estética. (Figura 1)

Figura 1 Desenho com giz de cera sobre forma redonda, colagem de quadrados sobrepostos.



Fonte: As artes no universo infantil, 2017, p. 35

Acompanhando ainda o conceito sobre como o desenho pode ajudar no processo de desenvolvimento sensorial e motor da criança, Edith Derdyk, pesquisadora com vasta produção acerca da questão do desenho infantil, comenta sobre o assunto argumentando que:

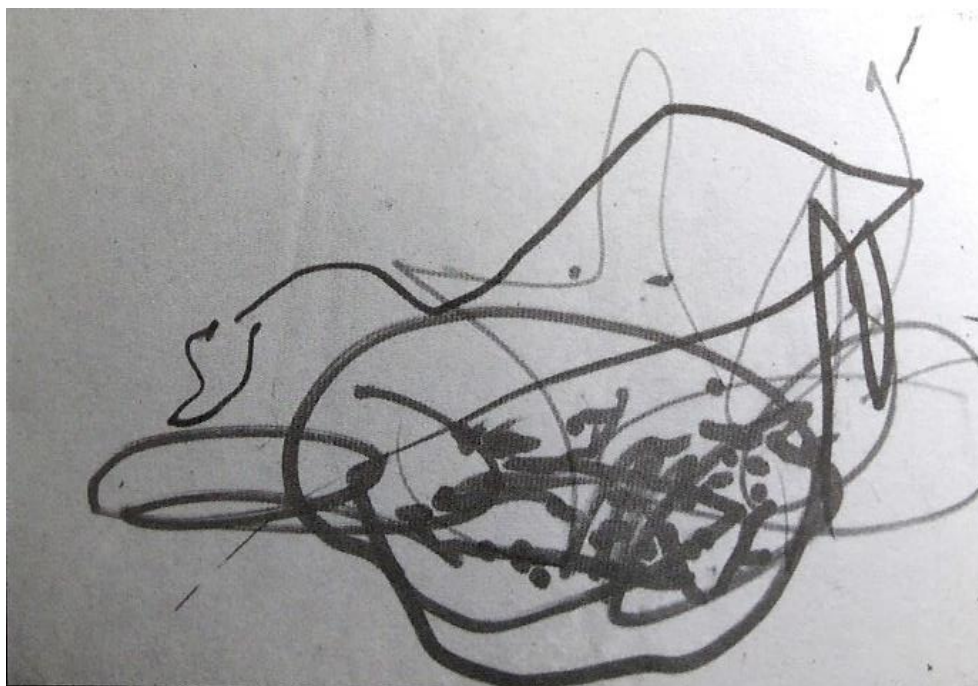
No seu fazer, a criança vai precisando o gesto, afirmando o corpo, combinando e ampliando suas possibilidades expressivas. A precisão do gesto no papel está ligada à apreensão e domínio corporal como um todo, à

sua capacidade de encontrar apoios, entende os mecanismos corporais de equilíbrio e desequilíbrio. (DERDYK, 2015, p. 68).

Ao serem propostas na sala de aula atividades de desenho que exigem a movimentação da criança para a confecção do trabalho, é de extrema importância, no que concerne ao seu desenvolvimento físico, que ela ao se movimentar esteja aperfeiçoando suas habilidades motoras. Então há pertinência em propor na sala de aula práticas que vão além daquelas executadas nas carteiras para que a criança possa explorar outras maneiras de ampliar sua percepção sobre seu corpo e de se movimentar, em particular os braços (CUNHA, 2017, p. 34).

Desde o primeiro momento que a criança segura um lápis e começa a desenhar, seus músculos se desenvolvem, suas articulações entram em ação, riscando em todas as direções fazendo linhas retas de diversos tamanhos. A criança começa a demonstrar firmeza em seus movimentos, deixando-os mais fluídos. Nos rabiscos começam a aparecer formas diferentes, formas redondas e linhas mais controladas. É nesse processo que podem ser observada as primeiras mudanças no desenho infantil, evoluindo de garatujas para desenhos figurativos (figura 2).

Figura 2 Rabisco feitos sobre folha branca



Fonte: Formas de pensar o desenho, 2015, p. 62

Ferreira (2011, p. 25) também comenta sobre os benefícios da utilização das atividades de desenho para o desenvolvimento infantil, ao dizer que “as atividades artísticas também auxiliam o desenvolvimento de habilidades que expandem a capacidade de dizer mais e melhor sobre si mesmo e sobre o mundo”. A autora explica que as atividades artísticas incitam a criança a se entender melhor, a perceber quais são as suas dificuldades e limitações. Sendo que a partir do momento que a criança consegue entender sobre si mesma, tal condição permitirá a ela um maior aproveitamento das atividades artísticas. É preciso considerar que a criança necessitará compreender o que está sendo exigido pelo professor para a realização das atividades. Por exemplo se elas poderão ser feitas em grupo ou não, se a criança também irá conseguir identificar qual material e técnica será mais adequado para aquele momento. Derdyk (2015, p. 77) também comenta, “[...] a criança torna-se sensível às diferentes partes do corpo. Similarmente ela desenvolve a sua capacidade de discernir, distinguir, qualificar, percebendo semelhanças e diferenças entre os objetos e os grupos de objetos.”

1.3. Noções críticas e de julgamento

O desenho também possui uma grande contribuição para o processo do desenvolvimento das noções críticas e de julgamento da criança, quando se é dado a ela a liberdade de produzir um desenho que instigue a criação de um trabalho mais complexo. A partir do momento em que ela inicia a produção de um trabalho artístico mais complexo a criança acaba inserindo nele objetos de sua preferência. Ao mesmo tempo que a criança começa a ter controle sobre a finalidade dos objetos em seu trabalho, ela precisará, por intermédio do julgamento, decidir se eles serão adequados ou não para aquela determinada composição.

Ferreira comenta sobre a importância das atividades artísticas em relação ao desenvolvimento crítico e da noção de julgamento, dizendo que:

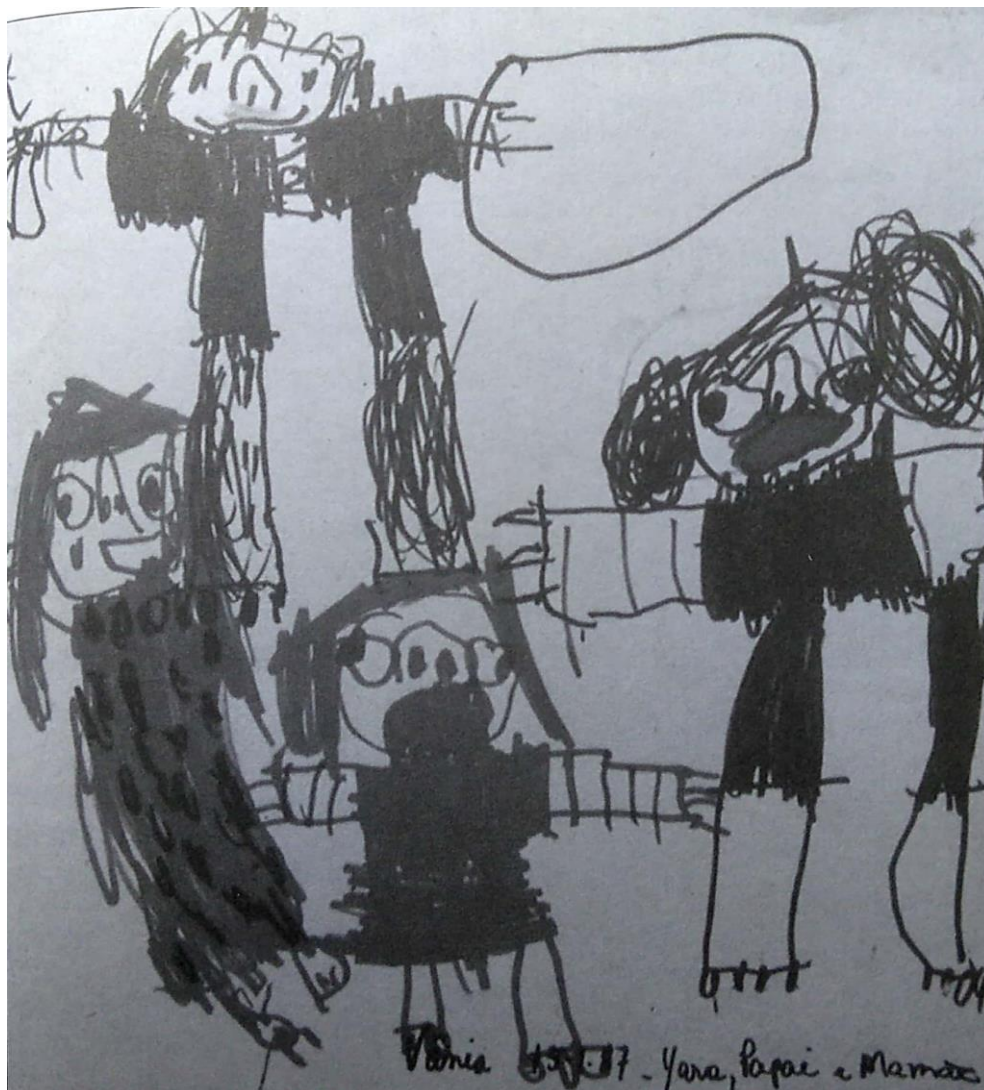
Numa atividade criativa, os alunos (mesmo as crianças menores) precisam constantemente avaliar a adequação e qualidade de seu trabalho e, no processo, aprendem a fazer julgamentos em situações nas quais os modelos estão ausentes. (FERREIRA, 2011, p. 21)

Sendo assim, somente no processo da produção de seus trabalhos artísticos que a criança conseguirá desenvolver essa noção de crítica.

1.4. Construindo afeto

Ao mesmo tempo em que o desenvolvimento cognitivo e físico da criança pode ser aperfeiçoado com o ensino do desenho na escola, o seu desenvolvimento afetivo acontece paralelamente a partir do momento que são propostas para a criança atividades nas quais ela terá de produzir trabalhos de ilustração com a finalidade de recriar a imagem de algum familiar ou até mesmo de um colega de classe. Raywen Ford (*apud* FERREIRA, 2011, p. 24) comenta a respeito disso, dizendo que “[...] relações de afeto podem ser construídas ou sedimentadas por ações como fazer algo que possa ser oferecido a alguém”. Os objetos confeccionados apresentarão um melhor acabamento, a criança terá uma maior preocupação na hora de fazer o trabalho, pois ela levará em consideração que os objetos serão dados para uma outra pessoa. (Figura 3)

Figura 3 Retrato da família



Fonte: Formas de pensar o desenho, 2015, p. 115

Atividades feitas em dupla ou em grupo também proporcionam a criança o crescimento afetivo. Visto que durante a atividade ela terá de interagir com outros alunos para a elaboração dos trabalhos, fazendo com que ela também comece a compreender os conceitos de coletividade.

1.5. A importância da escola

Outro ponto relevante para o desenvolvimento infantil é a importância de a criança estar inserida em um espaço adequado para uma melhor aprendizagem,

sendo um desses lugares a própria escola em que ela estuda, pois de acordo com Barry J. Wadsworth (1993, p. 12), que comenta o pensamento de Jean Piaget, o desenvolvimento de uma criança só acontece quando ela está inserida em um ambiente e tem a possibilidade de atuar nesse ambiente e de dizer mais sobre si mesma e seu próprio trabalho artístico, como, por exemplo, seu desenho.

Para o desenvolvimento da aprendizagem infantil, é de extrema importância que a escola possa ser considerada pela criança como um lugar agradável para ela, proporcionando uma sensação de segurança; que seja um ambiente em que ela se sinta à vontade. Isto deve ser levado em consideração nas instituições de ensino infantil, já que a escola será a primeira experiência das crianças com o ambiente escolar.

Quando a criança se identifica com o lugar, ela terá um melhor aproveitamento do seu ensino e das novas experiências vividas durante as aulas de artes, Cunha (2017, p.15) discorre sobre a importância das instituições de Ensino Infantil para o processo de desenvolvimento da criança ao dizer que elas devem ser o espaço inicial e deflagrador de novas linguagens, visto que as crianças descobrem o mundo por meio dos cinco sentidos, pelo movimento de seu corpo, por meio de jogos de imitação e pela curiosidade de descobrir sobre o que está a sua volta.

Galvão (1995) também comenta a respeito do desenvolvimento cognitivo da criança, ao se referir a estudos feitos por Wallon, a partir dos processos de desenvolvimento infantil, acerca da importância de a criança estar inserida em um ambiente escolar, dizendo que:

“O estudo da criança contextualizada possibilita que se perceba que, entre os seus recursos e os de seu meio, instala-se uma dinâmica de determinações recíprocas: a cada idade estabelece-se um tipo particular de interações entre o sujeito e seu ambiente. Os aspectos físicos do espaço, as pessoas próximas, a linguagem e os conhecimentos próprios a cada cultura formam o contexto do desenvolvimento” (GALVÃO, 1995. p.39).

O trabalho conjunto da instituição de ensino com a aula de artes também viabiliza à criança esse sentimento de segurança e pertencimento, uma vez que “[...] as atividades artísticas proporcionam alegria aos alunos”(SNYDES *apud* FERREIRA, 2011, p.18), na medida em que ao dar atividades que promovam a criança ter

liberdade em produzir trabalhos artísticos que a agradem, sem que ocorram interferências excessivas do professor dizendo que o trabalho produzido por ela está inadequado para aquela atividade ou até mesmo que está errado ou feio.

Pensamentos avançados proporcionam um fortalecimento do ego da criança, visto que “o desenvolvimento de habilidades artísticas pode ser uma das maiores fontes de satisfação pessoal para os alunos, contribuindo para elevar a autoestima” (FERREIRA, 2011, p. 24). Desse modo existe grande probabilidade da criança ter orgulho de identificar o seu trabalho, dizendo que foi ela a autora, contando as histórias por trás da produção do seu trabalho, da forma que superou suas dificuldades e como o seu trabalho foi escolhido para aquela determinada situação.

CAPÍTULO 2 – A FUNÇÃO DO PROFESSOR

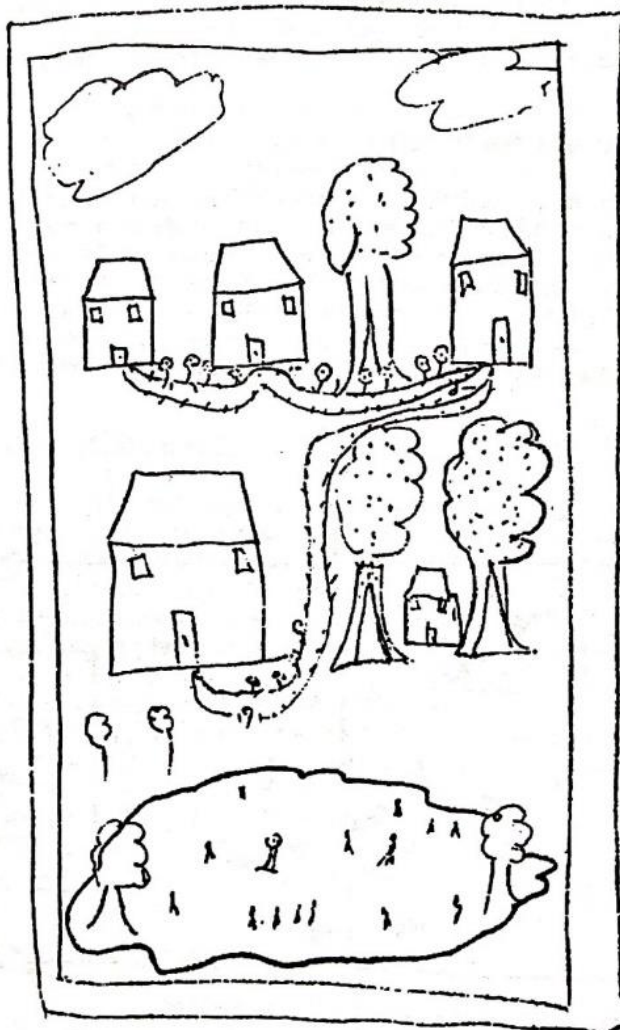
No capítulo anterior vimos como o ensino das artes visuais, especificamente do desenho possui a sua importância para o desenvolvimento infantil. Vimos como a criança desenvolve suas habilidades motoras e também como acontece o aprimoramento psíquico dela por intermédio do desenho. Discutimos como o ambiente escolar e o currículo interferem na visão que temos sobre a importância do ensino das artes visuais na infância. Agora interessa-nos tratar da relação entre professor aluno no contexto das aulas de artes com ênfase no desenho, tentando demonstrar como determinadas práticas pedagógicas podem representar contribuições ou desserviços ao desenvolvimento infantil.

2.1. Relação professor e aluno

É muito importante para o desenvolvimento infantil no ambiente escolar que os professores de artes sejam vistos pela criança como um guia para o seu processo de aprendizagem, uma pessoa com a qual a criança possa ter um diálogo sobre o seu trabalho, e que também seja aquela pessoa que passará as orientações necessárias para a produção das atividades, que irá avaliar no final os trabalhos das crianças, mas sem prejudicar a autonomia delas.

O comportamento do professor na sala de aula, que não atende a tais demandas, prejudica muito o desenvolvimento infantil. Ao ser dito para uma criança que o desenho dela está errado, por ela ter feito uma paisagem onde não apresenta um chão, no qual os objetos aparecem flutuando no cenário (Figura 4), ou reprimi-la por ter feito em seu desenho um sol azul e não amarelo como deveria ser, não se percebe o quão nocivos tais julgamentos são. Dizendo-lhe que o seu trabalho de colagem ou de pintura não tem muito sentido por abordar temas fantasiosos, faz com que a criança não acredite nas suas habilidades, acarretando uma regressão no processo de aprendizagem, que poderá prejudicar bastante o seu desenvolvimento e também dificultará a relação da criança com a disciplina artes e até mesmo com o próprio professor, pois ela se sentirá desmotivada a participar das aulas, uma vez que muito do que ela irá produzir tenderá a ser de má qualidade.

Figura 4 Sobreposição dos planos



Fonte: O desenho infantil, 2006, p. 49

2.2. Incentivando o aluno

Outro papel do professor de artes no processo de desenvolvimento da criança é possibilitar por meio das atividades artísticas uma forma de incentivar nas crianças a procura por interações sociais, encorajando-as a se relacionar com os colegas, facilitando o seu processo do desenvolvimento social. Uma vez que ela não entenda o que está sendo exigido pelo professor para a realização do trabalho, poderá, como recurso, procurar auxílio com seus colegas para um melhor entendimento da atividade.

A partir do momento que o professor propuser aos alunos atividades em conjunto, ele, além de auxiliar no desenvolvimento social das crianças, estará ajudando aquelas que apresentam alguma dificuldade de se expressar,

principalmente em caso de crianças que demonstram uma maior timidez, ou que acreditem na incapacidade de desenhar. Ao serem propostas tais atividades, essas crianças que apresentam alguma dificuldade em se relacionar com outras aos poucos conseguem ir se adequando ao convívio social. Contudo, caso alguma criança não se sinta à vontade em fazer o trabalho com outro colega, o professor poderá sugerir que ela faça desenhos de que ela goste, desenho de objetos familiares, para então iniciar uma conversa com ela, fazendo com que cada vez mais o educando se sinta à vontade com o ambiente da sala de aula e procure socializar-se com as outras crianças.

2.3. Professor psicólogo

Temos que nos atentar também para a importância da conduta do professor, de modo que ele não faça julgamentos precipitados em relação às crianças que apresentam algum atraso no seu desenvolvimento ou dificuldade de aprendizagem, tomando como referência apenas a observação de seus desenhos, sem antes estabelecer um diálogo com o aluno. Em muitos casos o professor acaba se precipitando, fazendo afirmações de que a criança possui alguma dificuldade de aprendizagem ou até mesmos problemas psicológicos. Ferreira discorre sobre o problema da escola e principalmente dos professores ao fazer pré-julgamentos em relação ao desenho de uma criança, afirmando que:

Pelo convívio diário com o aluno, o professor tem condições de conhecê-lo mais profundamente, desde que se disponha a vê-lo e ouvi-lo em todas as atividades desenvolvidas na escola. O desenho é mais uma possibilidade de interlocução com a criança. (FERREIRA, 2011, p. 145)

A autora também comenta sobre o mesmo assunto afirmando que “Muitas vezes, parece que o professor, o psicólogo, o orientador pedagógico etc., querem encontrar na criança causas para as dificuldades que ela está apresentando e buscam quaisquer indícios no desenho que produz.” (FERREIRA, 2011, p. 145). Então cabe ao professor de artes juntamente com o corpo docente compreender que cada criança tem o seu processo de desenvolvimento diferente das outras, que cada uma tem o seu tempo para que ele ocorra.

2.4. Desenvolvimento do senso crítico

Outro exemplo em que as artes visuais poderiam contribuir para o processo de desenvolvimento da criança, dar-se-ia no curso de aquisição de uma noção estética capaz de estimular o senso crítico. Nesta condição a criança encontrará incentivos que possibilitam a descoberta de suas preferências estéticas, fator importante no que se refere à identidade que assumir em relação aos próprios trabalhos. Vale dizer que, por mais bem elaborado que possa ser um desenho realizado pela criança, ela poderá não se identificar com o resultado final daquela produção. Em tais casos a probabilidade de a criança almejar uma nova tentativa é grande. Esta é a ocasião propícia para que o professor de artes entenda a importância e a necessidade da retomada do processo a fim de satisfazer a vontade da criança.

Em casos assim é de extrema importância que o professor tenha o cuidado de não insistir e evitar dizer que o trabalho está ótimo e completo. A melhor solução para este tipo de problema é incentivar a criança procurar maneiras de fazer com que o seu trabalho fique de seu agrado sem a necessidade de começar um novo, auxiliando caso apareça alguma dificuldade no processo de criação. Dessa maneira o professor poderá ir orientando a criança, de modo que ela consiga desenvolver novas ideias lidando com suas frustrações.

Ainda discutindo sobre a função do professor de artes é importante entender que o desenho infantil é o reflexo do desenvolvimento da criança, ou seja, será impossível que a criança produza trabalhos idênticos aos dos exemplos feitos pelo professor, sendo que ela ainda não possui as mesmas habilidades que o adulto. Se assim fosse, partiríamos do entendimento de que todos os alunos seriam dotados de altas habilidades, obrigando os estudos sobre desenvolvimento infantil a passar por sérias revisões.

CAPÍTULO 3 – O DESENHO INFANTIL NA VISÃO DA CRIANÇA

Depois de abordar as relações que o ensino do desenho possui com o desenvolvimento infantil e também argumentar sobre os modos como o professor pode se tornar uma peça de extrema importância para o crescimento da criança, seguiremos lidando com os olhares dos alunos das séries iniciais em relação ao processo criativo do desenho. Neste capítulo veremos como a criança se comporta em relação a compreensão de seu desenvolvimento por meio do desenho. Também serão exploradas as formas pelas quais os elementos externos podem interferir no modo como a criança irá produzir seus trabalhos.

3.1. Primeiros rabiscos

São nos primeiros anos de escolaridade que a criança mais aprimora o seu desenvolvimento. É no ambiente escolar que muitas crianças passam a ter o seu primeiro contato com o mundo fora do seu círculo familiar, desfrutando da possibilidade de conhecer novas pessoas e participar de novas experiências. Sendo assim, os fatores citados são de extrema importância para o desenvolvimento infantil no decorrer da sua vida escolar.

Neste período da vida escolar da criança é que o ensino das artes visuais, em particular no que se refere aos exercícios com desenho, possui uma grande relevância para o desenvolvimento do grafismo infantil. Nessa época a criança começa a desenvolver suas habilidades manuais e também é nesta fase que podemos observar como a criança dá início à produção dos famosos rabiscos, que muitas das vezes passam despercebidos no decorrer do crescimento infantil. A esse respeito Derdyk enfatiza:

A garatuja não é simplesmente uma atividade sensório-motora, descomprometida e ininteligível. Atrás dessa aparente “inutilidade” contida no ato de rabiscar estão latentes segredos existenciais, confidências emotivas, necessidade de comunicação. (DERDYK, 2015, p. 58)

Por meio das garatujas a criança começa a expressar suas necessidades, mesmo que elas não sejam legíveis de inícios. Porém, conforme a criança cresce a

forma como ela produz os ditos rabiscos se modifica. Seus segredos antes ocultos para o adulto começam a ser desvendados e a criança passa a ser melhor compreendida.

3.2. Aprimoramento do desenho

Conforme a criança vai crescendo o seu desenho vai sendo aprimorado. Ela começa a conhecer melhor sobre o mundo a sua volta e a si mesma também. O que antes eram somente rabiscos numa folha de papel acabam tornando-se objetos, animais ou até mesmo pessoas. Enquanto desenha, histórias são criadas, paisagens começam a aparecer com mais frequência e cada vez mais complexas. O pequeno educando procura usar novos materiais, adicionando cores e texturas em seus trabalhos já que “a relação física e sensorial que a criança estabelece com o desenho possibilita a experiência de novas realidades” (DREDYK, 2015, p. 67)

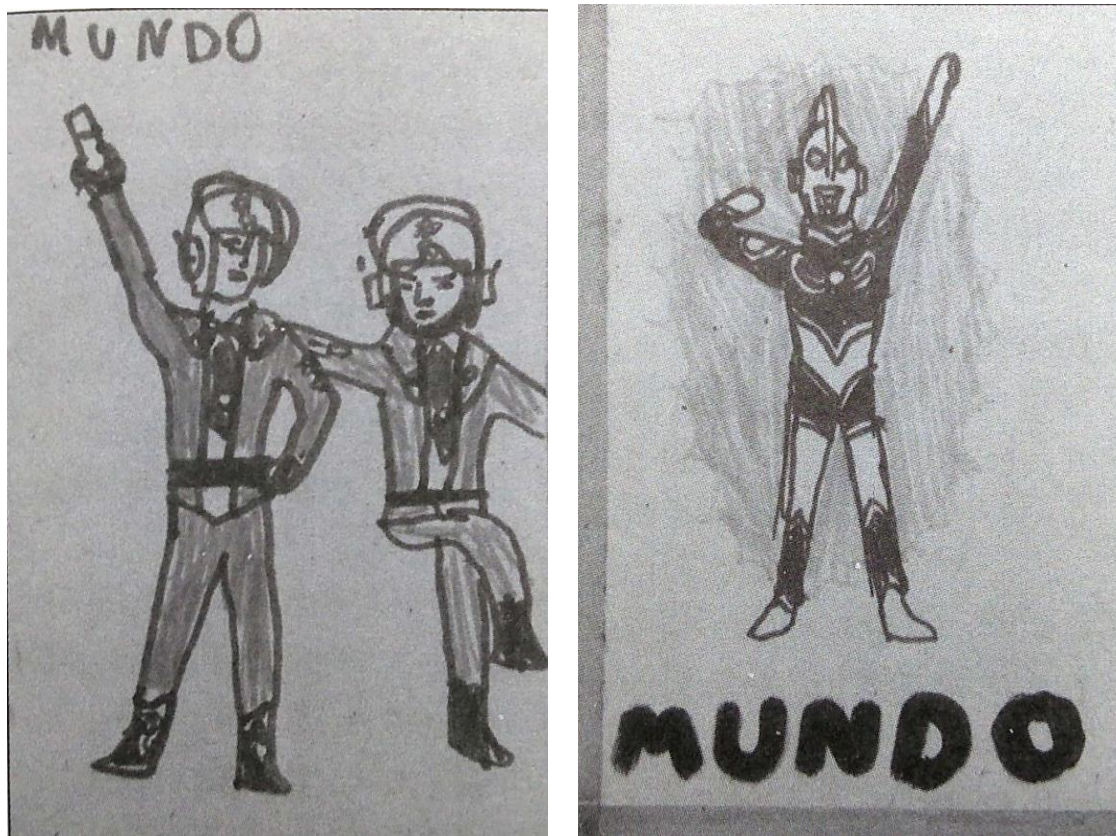
O desenho infantil vai se ordenando conforme a criança adquire novos conhecimentos, concebendo a eles novos significados. A criança desperta uma maior preocupação com o seu trabalho, se demonstrando mais interessada com a finalidade de seu desenho. Ela começa a estabelecer conexões inéditas entre o seu trabalho e suas próprias experiências.

3.3. O uso de elementos externos

Para que possamos entender como a criança compreende o próprio processo de amadurecimento dos seus desenhos, temos que nos atentar principalmente para o modo que ela produz seus trabalhos. Quando ela desenha representa em suas atividades elementos do seu mundo imaginário e de seu cotidiano. Os estudantes nessa faixa etária colocam em seus trabalhos personagens de filmes de animação, de jogos eletrônicos, de brinquedos em série, além de acontecimentos de uma data específica e tudo aquilo que ela possa ter se interessado em um determinado momento da sua infância (figura 5). Esta memória afetiva se constitui no repertório de imagens a partir do qual ela, a criança, constrói várias de suas referências visuais. Quando educadores, no afã de obter resultados pré-determinados, desconsideram a existência de tais arquivos nas mentes de seus pequenos educandos, anulam a

possibilidade de diálogo franco e aberto com eles. Algo que embora não pareça incomodar as pedagogias mais conservadoras é frustrante para o público infantil.

Figura 5 Representação de um personagem de desenho animado



Fonte: Formas de pensar o desenho, 2015, p.125

Os elementos externos que surgem no decorrer da produção artística infantil não devem ser vistos como algo ruim para o desenvolvimento do desenho infantil. Uma vez que para a criança, tais elementos são componentes de grande relevância para a complementação do seu repertório de imagens.

É fundamental desvelar o repertório de imagens objetivas e subjetivas, o mundo real e o da fantasia que cada criança traz de seus contextos socioculturais, pois, a partir das imagens particulares, o seu repertório imagético será ressignificado. (CUNHA, 2017, p. 21)

3.4. Dialogo

Para entender como a criança produz o seu desenho é preciso entendê-la primeiro, sendo de extrema importância que o professor estabeleça constantemente

um diálogo com ela durante as aulas de artes. Conversando com a criança o professor poderá compreender como funciona o processo de criação infantil. Entender quais são os interesses pessoais dela, o motivo das escolhas dos materiais expressivos e principalmente suas conclusões finais sobre seu desenho.

É importante organizar conversas em que as crianças verbalizem como chegaram até o produto final e as dificuldades que encontraram durante esse processo. Além disso, deve-se autorizar a comunicação entre pares na sala de aula enquanto trabalham. (IAVELBERG, 2017, p.73)

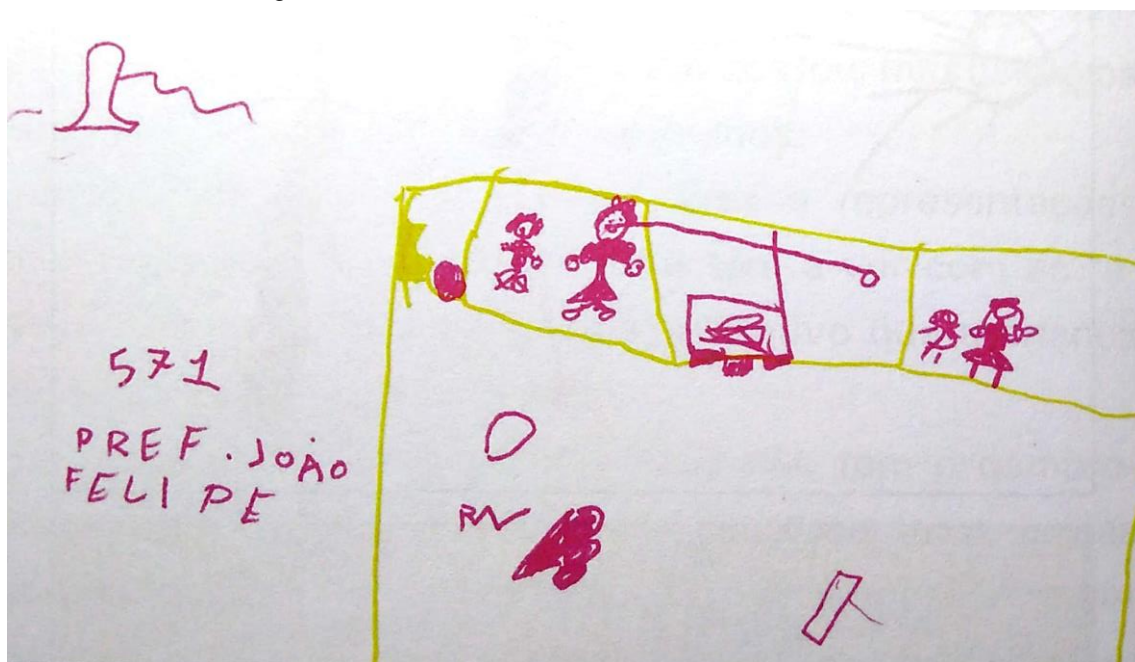
No momento que está desenhando a criança muita das vezes demonstra suas emoções por meio de seus desenhos. Colocando no papel sua personalidade, interesses nos quais ela não consegue transmitir de forma clara por meio da linguagem falada. Para a criança a linguagem visual, neste caso o desenho, acaba sendo o principal meio de comunicação entre ela e o mundo.

A criança que não for solicitada a falar e a relatar a respeito das suas experiências, a dizer e constatar aquilo que pensa e a reconstituir o vivido e o sonhado não terá condições necessárias para reconstruir as ações em nível da representação. (MONTROYA apud. CUNHA, 2017, p. 17)

É de extrema importância que ocorra esse diálogo entre a criança e o professor, visto que muitas das vezes os desenhos infantis são lidos e interpretados de maneira errada pelos docentes. Isso ocorre devido ao fato de tentarem entender o que se passa no processo de criação da criança sem ter as devidas preocupações de perguntar a ela o que estão fazendo.

Ao serem propostas atividades que incitem as crianças a ilustrarem seu cotidiano, permitindo que elas contem como foi seu final de semana, quais foram os principais eventos que a marcaram naqueles dias (figura 6), abre-se uma janela para que a interação entre docente e aluno aconteça com fluidez. É um ótimo ponto de partida para o professor iniciar um diálogo com ela.

Figura 6 Desenho com canetinha “o dente sendo arrancado”



Fonte: As artes no universo infantil, 2017, p. 46

3.5. Currículo escolar

É importante salientar como o currículo escolar desvaloriza o ensino das artes visuais. A divisão curricular interfere no processo de desenvolvimento do desenho infantil, prejudicando a continuidade do processo de crescimento criativo da criança, acarretando na interrupção da produção do desenho infantil.

Conforme a criança começa a frequentar a alfabetização, pode ser notado os primeiros sinais da ruptura com desenvolvimento do grafismo infantil. Visto que neste período a escola começa a mostrar uma maior preocupação em relação ao ensino a escrita. De acordo com Albano,

Nos primeiros anos escolares, o problema parece estar centrado na prioridade dada à alfabetização, porque ocupa todo o tempo da criança na escola. Porém, nos anos seguintes o problema se agrava, e o desenho acaba ficando espremido nas sobras do tempo. (ALBANO, 2013, p. 62)

Ainda argumentando acerca do assunto Derdyk também critica a sobreposição da alfabetização ao desenho infantil dizendo:

[...] a introdução de técnicas de alfabetização podem inibir o processo de desenvolvimento gráfico infantil. Verifica-se, na maioria dos casos, uma diminuição da produção gráfica dependendo das técnicas utilizadas nas

escolas para a alfabetização: aquisição da escrita pode concorrer com o desenho. (DERDYK, 2015, p. 104)

Complementando o debate sobre o modo como a escola deixa de lado o ensino do desenho e passa a enfatizar no currículo escolar o ensino da escrita. Interferindo no desenvolvimento da produção artística da criança, desvalorizando a importância do ensino do desenho durante a infância, Albano comenta:

Além de fragmentar o conhecimento em compartimentos estanques, a escola privilegia claramente algumas áreas em detrimento de outras. Os horários, então, são organizados para que o aluno perceba quais os momentos mais valorizados. (ALBANO, 2013, p. 63)

Outro ponto muito importante que pode ser discutido em relação à descontinuidade na produção do desenho infantil está relacionada à forma pela qual os professores que ministram a disciplina artes estão deixando de dar uma maior ênfase nas atividades práticas. É possível ser observado também que nos anos finais do Ensino Fundamental as instituições de ensino procuram conceder um maior destaque às atividades e disciplinas mais teóricas, que enfatizam ainda o uso da escrita em sala de aula, sobrepondo-a aos demais processos cognitivos. Derdyk comenta como as técnicas de ensino, principalmente as de alfabetização interferem no desenvolvimento do desenho infantil afirmando:

O sistema educacional geralmente dá grande ênfase ao mundo da palavra. Dependendo da estratégia utilizada para a aquisição da escrita, existe um esvaziamento da linguagem gráfica como possibilidade expressiva e representativa. (DERDYK, 2015, p.107)

3.6. O uso da cópia

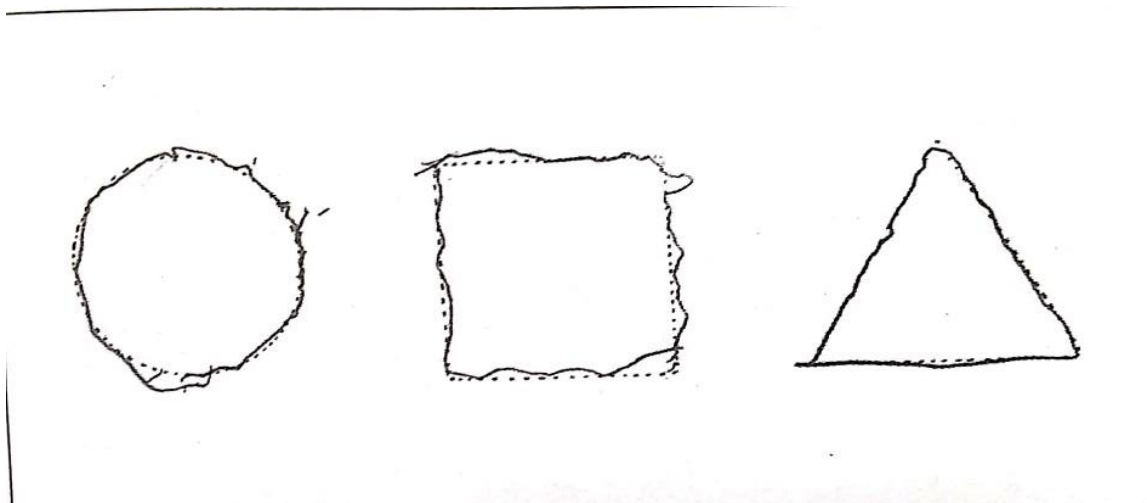
Podemos salientar também como o sistema escolar interfere na progressão do desenho infantil, falando sobre o papel que a escola exerce em relação à esta produção, é possível perceber como o sistema escolar interfere no desenvolvimento dos processos criativos das crianças. Ao serem impostos padrões estéticos que não permitam aos estudantes das séries iniciais produzir de forma espontânea os seus trabalhos, inserindo atividades que os convide a copiar imagens já existentes em vez de instiga-los a fazer suas próprias releituras dessas imagens propostas, inibe-se o

potencial dos pequenos educandos. A frustração é inevitável, visto que “[...] fornecer um “modelo” para ser copiado exclui a possibilidade de a criança selecionar seus interesses e necessidades reais”. (DERDYK, 2015, p. 108)

Os métodos de ensino que visam o uso desse tipo de atividades, que proporcionam a cópia como principal atividade artística, podem ser vistos como um modo de castrar a forma como a criança se expressa através do seu desenho. Desse modo, ela acaba sendo impedida de aprimorar o seu repertório de imagens e de colocá-lo em prática. Podemos dizer que um currículo escolar baseado na cópia e nas atividades pré-determinadas (figura 7) é nada mais do que uma “estratégia educacional, visando apenas o adestramento motor, exclui o entendimento do desenho como uma forma de construção do pensamento através de signos gráficos”. (DERDYK, 2015, p. 110)

O ensino fundamentado na cópia inibe toda e qualquer manifestação expressiva e original. A criança, autorizada a agir dessa forma, certamente repetirá fórmulas conhecidas diante de qualquer problema ou situação que exige respostas. Ela, com todo o seu potencial aventureiro, deixa de se arriscar, de se projetar. Seu desenho enfraquece, tal como o seu próprio ser. (DERDYK, 2015. P 110)

Figura 7 Desenho de formas geométricas



Fonte: Formas de pensar o desenho, 2015, p 111

Devemos nos atentar que quando uma criança desenha o seu personagem favorito de um filme de animação, ela não está produzindo uma cópia dele ao tentar

imitar os elementos visuais presentes neles. Ela está utilizando de suas lembranças relacionadas aqueles personagens e resignificando para aquele determinado momento da sua produção visual, transformando ele e logo em seguida adicionando no seu próprio repertório visual. De acordo com o entendimento de Derdyk

A imitação possui um significado distinto a cópia. Ela decorre da experiência pessoal, orientada pela seleção natural que a criança efetua dos “objetos”, para então apropriar-se deste ou daquele conteúdo, forma, figura, tema através da representação. Imitar é a maneira de se apropriar. A capacidade de imitar só é possível quando a criança está apta a reproduzir e simbolizar imagens mentais internas. (DERDYK, 2015, p. 11)

3.7. Elementos estéticos dos adultos

Uma outra questão que também pode ser observada a respeito do desenho desenvolvido pela criança diz respeito à forma como o ensino de técnicas de desenho pode acabar se tornando prejudicial para o progresso do grafismo infantil. O mesmo também podemos dizer sobre a imposição da estética dos adultos interferindo no processo de entendimento da criança com o seu próprio desenho. Iavelberg reitera este argumento ao destacar que:

Tratando-se do desenho infantil, a prática isolada de ensino de técnicas é ainda mais sem propósito, pois boa parte dos conceitos envolvidos no desenho clássico é inacessível às crianças pelo alto grau de abstração presente nessas técnicas. (IAVELBERG; MENEZES, 2012, p. 667)

Dado o fato de que a partir do momento que são impostas ideias e padrões visuais durante as atividades de desenho, a criança tentará imitar essas imagens oferecidas pelo professor deixando de lado tudo aquilo que ela estava desenvolvendo até o dado momento. Então “é fundamental que os professores se deem conta de que suas representações visuais influem no modo como as crianças produzem suas visualidades” (CUNHA, 2017, p.14).

CAPÍTULO 4 – A CRIANÇA E O SEU DESENHO

O capítulo final dessa pesquisa se destina a apresentar modos como a criança se relaciona com a sua produção artística por meio do incentivo do desenho. Dialogando com suas experiências, ela demonstra seu desenvolvimento por intermédio de suas emoções. Veremos principalmente como a criança se comunica com os outros a sua volta mediante seus grafismos.

4.1. Diário da criança

O desenho pode ser considerado como um diário da criança, nele ela coloca tudo o que aconteceu na sua vida, narra as suas aventuras, ilustra os seus sonhos, desenha os seus maiores desenhos e suas teorias e hipóteses do mundo adulto. Isso tudo é ilustrado pela criança por meio de símbolos próprios legíveis ou não para o expectador. À uma criança “a oportunidade para desenhar sistematicamente promove seu progresso na linguagem visual” (IAVELBERG, 2017, p. 57)

Incentivar a criança a desenhar, a produzir um objeto artístico é ao mesmo tempo proporcionar a ela a oportunidade de ela poder dialogar com o mundo e principalmente de conversar consigo mesma. Seguindo esse pensamento Lowenfeld e Brittain afirmam:

Para ela, a arte é mais do que um passatempo; é uma comunicação significativa consigo mesma, é a seleção daqueles aspectos do seu meio, com que ela se identifica, e a organização desses aspectos em um novo e significativo todo. A arte é importante para a criança. (LOWENFELD; BRITTAİN, 1977, p. 50)

O ato de desenhar é tão natural como o de andar ou de fazer qualquer atividade motora. Se dermos a uma criança pequena um lápis e um papel ela, inconscientemente, produzirá rabiscos nessa folha de papel, riscando desordenadamente em toda a extensão ou até mesmo fora dele. Ela irá grafar traços, fazendo linhas sobre linhas, mas sem compreender o funcionamento de seus movimentos, a força e pressão exercida sobre a ponta do lápis. Naquele momento o desenho não é somente uma atividade motora facilitadora para o no seu processo de desenvolvimento, conforme pensam os adultos. O ato de desenhar para a criança é

uma brincadeira, é uma atividade prazerosa cheia de oportunidades. É possível afirmar que “a criança pequena desenha pelo prazer do gesto, pelo prazer de produzir uma marca. É um jogo de exercício que a criança repete muitas vezes para certificar-se do seu domínio sobre aquele movimento”. (ALBANO, 2013, p. 23)

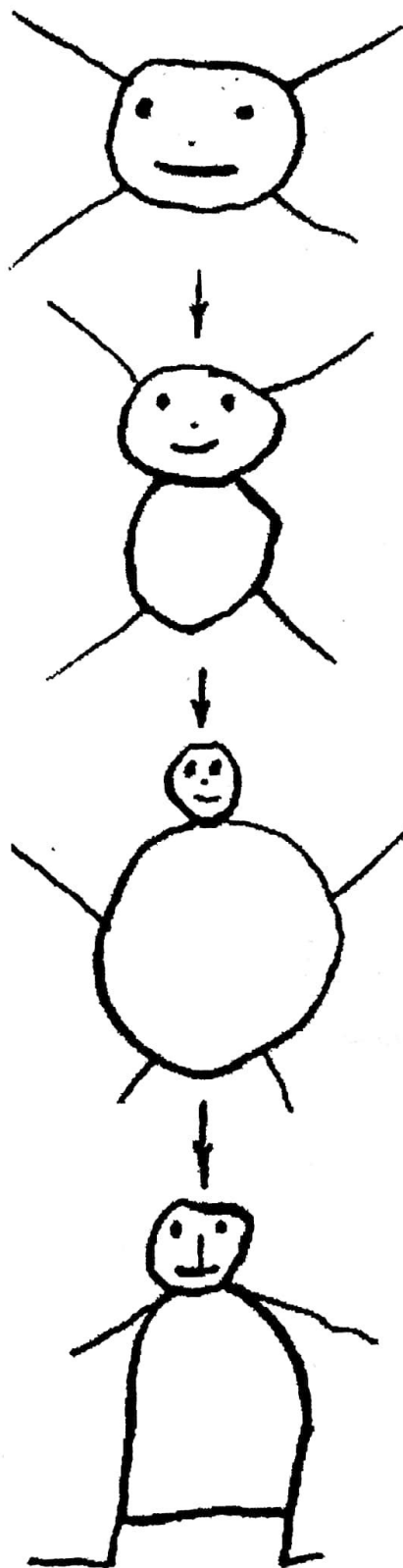
4.2. Primeiras representações de uma pessoa

Conforme vai crescendo e entendendo as maneiras como seu corpo funciona, a criança passa a distinguir as partes dele e a entender suas funções. Ela começa a diferenciar suas linhas, movimentos, os materiais dispostos à sua volta, as cores e formas. Os desenhos vão sendo ordenados em grupos de imagens e padrões, classificando e nomeando os elementos presentes no seu desenho.

Antes o corpo era uma coisa só. Agora, as partes do corpo vão se diferenciando, assumindo funções específicas. A mão, o olho e o cérebro se tornam aliados. Os gestos vão se arredondando, a linha se fecha e nascem formas, o círculo aparece delimitado o que é dentro e o que é fora. (DERDYK, 2015, p. 135)

Assim que a criança começa a identificar as partes do seu corpo, entendendo que ele é composto por uma cabeça, ligada ao um tronco e que possui quatro membros, ela começa a demonstrar a sua percepção disso em seus trabalhos, transformando seus desenhos. O que antes eram círculos vazios, formas dispostas de maneira aleatória pelo espaço passam a se transformar em pessoas. Então a criança começa a adicionar nestas formas o que seriam as pernas e os braços. Esses círculos começam a ganhar rosto e nomes, podendo representar a própria criança (figura 8).

Figura 8 Evolução do desenho infantil



Fonte: O desenho infantil, 2006, p.34

4.3. Comunicando com o mundo

Podemos observar através do desenho infantil como funciona o modo pelo qual a criança vê o mundo e se comunica com o espaço. O desenho em muitas das vezes é a primeira escrita da criança (ALBANO, 2013, p. 20) sendo a marca que ela produz para poder ser compreendida. Mesmo que ela tenha adquirido a capacidade de usar a linguagem escrita a criança ainda continua utilizando o desenho como um meio de comunicação.

O desenho manifesta o desejo da representação, mas também, antes de mais nada, é medo, é opressão, é alegria, é curiosidade, é afirmação, é negação. Ao desenhar, a criança passa por um intenso processo vivencial e existencial (DERDYK, 2015, p. 57)

O desenho infantil pode ser considerado como o reflexo do estado emocional e físico (LOWENFELD; BRITAIN, 1977, p 133), com a observação e a leitura correta das produções visuais da criança conseguimos identificar como está o seu processo do desenvolvimento, de acordo com a maneira que ela desenha. Ao desenhar ela manifesta todo o seu conhecimento adquirido dentro e fora da sala de aula, expressa de forma espontânea, sem preocupação com o resultado que terá o seu trabalho.

A importância do desenho é inegável, pela integração que propicia entre cognição, ação, imaginação, percepção e a sensibilidade. Por intermédio do desenho, a criança pode expressar seus conhecimentos e suas experiências, colocando sua poética de modo singular. As competências e habilidades aprendidas em desenho servirão para outras áreas de conhecimento. (IAVELBERG, 2017, p. 57)

4.4. O ato de desenhar

A criança enquanto desenha se envolve com o processo e o ato de desenhar transforma. Para ela o desenho vira um jogo de faz de conta, uma brincadeira que transita entre o real e o imaginário da criança, no qual quem observa de fora não compreende o que a criança está fazendo, mas para ela todos os acontecimentos possuem uma ligação, uma lógica, um início, meio e fim,

Desenhando, cria em torno de si um espaço de jogo, silencioso e concentrado ou ruidoso seguido de comentários e canções, mas sempre um espaço de criação. Lúdico. A criança desenha para brincar. (ALBANO, 2013, p. 15)

No meio do processo de criação a criança começa a contar uma história, inventando teorias sobre as imagens e enunciando em voz alta o que vai ser ilustrado. Derdyk (2015, p.32) comenta que enquanto a criança desenha é impulsionada por outras manifestações e que acontecem de forma única e unida possibilitando a criança uma grande caminhada pelo mundo imaginário.

Experimentam movimentos e materiais oferecidos sem medo, fazendo-os variar por intermédio de suas ações. Trabalham concentradamente e esquecem o entorno. Jogam, exercitam de forma plena sua função simbólica. Abstraem relações e consolidam uma linguagem singular [...] (IAVELBERG, 2017, p. 35)

Para uma criança que desenha o tempo não possui um limite, ela fica envolta no seu processo criador no qual não se percebe o passar das horas. Conforme ela cresce esse tempo se torna cada vez mais ilimitado. Pois na medida em que vai amadurecendo, mais elementos são adicionados ao seu trabalho, mais tempo ela irá gastar com suas representações e o desenho vai se tornando cada vez mais interessante e complexo.

4.5. A criança e o espaço

Através de suas vivências a criança modifica a sua forma de desenhar de acordo com as suas necessidades, adaptando o seu espaço conforme deseja, adicionando ou removendo os objetos de lugar. Ela permitirá ou não que o meio em que está vivendo interaja com a sua produção e modo de criar.

[...] Fica evidente que as experiências vivenciadas, deixam marcas que são expressas pela suas artes, e que são resultantes das experiências desenvolvidas no ambiente, no meio em que vivem das interações com os outros – fatores que interferem diretamente no processo de criação dos desenhos, pois tudo está interligado (MINUCCI, 2012, p. 40)

A relação que a criança possui com o ambiente que frequenta é bem ilustrada em suas produções visuais. Por meio do espaço ela explora novas ideias. A criança

conduz suas produções artísticas de acordo com as mudanças que ocorrem no seu ambiente. Trazendo essas divergências do espaço através de seus rabiscos, expressando o modo como ela assimila essas mudanças. Para a criança a forma a partir da qual elabora seus desenhos está vinculada com o seu ambiente e suas vivências.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa se iniciou por causa do meu interesse pelo estudo do desenho na formação infantil. Interesse que foi crescendo com o passar da minha graduação. A minha intenção com esta monografia foi apresentar, de modo introdutório, formas como o ensino das artes, principalmente o incentivo à realização do desenho nos anos iniciais da educação básica contribuem para o desenvolvimento infantil. O trabalho teve o intuito de mostrar como as atividades artísticas auxiliam no entendimento do desenvolvimento da criança.

Mediante a estudos de autores como Derdyk, Lowenfeld, Lavelberg, entre outros, pude compreender a necessidade da criança se expressar, se comunicar, criar, imaginar e ser entendida por meio de suas produções gráficas. Pude entender como o desenho e o espaço no qual a criança vive se modifica conforme as necessidades do seu fazer artístico. No decorrer da minha pesquisa percebi também a importância de se estabelecer um diálogo com a criança. Por mais que muitas delas utilizem o desenho como uma maneira de se comunicar, algumas crianças demonstram dificuldade para falar sobre a sua própria produção visual.

Ao me debruçar um pouco mais em meus estudos para essa pesquisa entendi como o sistema de ensino pode acabar se tornando um grande vilão prestando um desserviço ao desenvolvimento do grafismo infantil, e por extensão da linguagem visual como um todo, ao impor nos currículos escolares métodos de ensino que inibem as produções gráficas das crianças. Também compreendi como o professor de artes podem contribuir para o processo de descontinuidade da prática do desenho infantil, ao não dar as devidas atenções que a criança precisa para a produção de seus desenhos.

Com a realização deste trabalho, consegui compreender como ocorrem as etapas do desenvolvimento infantil e de quais maneiras as atividades artísticas auxiliam nesse processo. Pude observar os processos que levam a criança a compreender o desenvolvimento, tanto em seu aspecto físico quanto emocional, por intermédio do desenho, de acordo com cada uma dessas etapas. Momentos que

levam os educandos das séries iniciais a adquirir experiências significativas no decorrer do seu processo de amadurecimento.

Através dessa pesquisa percebi que a criança é um ser que está em constante mudança, à procura de mostrar para o próximo como essas modificações afetam sua vida. A forma como o processo de amadurecimento da criança interfere no desenvolvimento de suas produções artísticas acontece de uma maneira muito visível. Sendo possível identificar cada uma das etapas do crescimento da criança nos pequenos detalhes do desenho dela.

De modo geral, o desenho está presente no cotidiano de todos, possui diversas finalidades para a sociedades, sendo interpretado e usado de acordo com as necessidades de cada pessoa. O desenho traz para a formação da criança diversos benefícios para seu crescimento, possibilitando que ela exponha suas ideias e principalmente se comunique com o mundo. Por esses motivos que o desenho deve sempre ser incentivado dentro e fora da sala de aula.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBANO, Ana Angélica. O espaço do desenho: a educação do educador. 16. Ed. São Paulo, SP: Edições Loyola, 2013
- CUNHA, Susana Rangel Vieira da (Org.); LINO, Dulcimarta Lemos ... [et al.] – As artes do universo infantil. 4 ed. Porto Alegre: Mediação, 2017
- DERDYK, Edith. Formas de pensar o desenho: desenvolvimento do grafismo infantil. 5 ed. Porto Alegre, RS: Zouk, 2015,
- FERREIRA, Sueli (org.). O ensino das artes: construindo caminhos. 10. ed. Campinas, SP: Papirus, 2011..
- GALVÃO, I. A complexa dinâmica do desenvolvimento infantil. In: WALLON, Henri. Uma concepção dialética do desenvolvimento. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. p. 39-47.
- IABELBERG, Rosa. O desenho cultivado da criança: prática e formação de educadores. 2 ed. Porto Alegre, RS: Zouk, 2017.
- IABELBERG, R.; MENEZES, F. C.. O cultivo do desenho infantil na aprendizagem compartilhada. In: 21º Encontro da ANPAP - Vida e fricção / arte e fricção, 2012, Rio de Janeiro. 21º Encontro da ANPAP - Vida e fricção / arte e fricção. Rio de Janeiro: ANPAP, 2012. v. 1. p. 660-672.
- LOWENFELD, Viktor; BRITAIN, W Lambert. Desenvolvimento da capacidade criadora. São Paulo, SP: Mestre Jou, 1977.
- MINUCCI, Sônia Conceição Devidé. As relações entre desenho infantil e cultura. 2012. 63 f. Trabalho de conclusão de curso (licenciatura - Pedagogia) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Instituto de Biociências de Rio Claro, 2012. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/119994>>.
- OLIVEIRA, M. K. A mediação simbólica. In: Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento – um processo sócio-histórico. São Paulo: Scipione. 1998. p. 25 – 40.
- WADSWORTH, Barry J. Inteligência e afetividade da criança na teoria de Piaget. 3. ed. São Paulo: Pioneira, 1995.

LAURA LEAL MARTINEZ

A IMPORTÂNCIA DAS ARTES VISUAIS PARA O DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Brasília
2020